JOSÉ RAILSON DA SILVA COSTA (org.)

Sobre: viver

1ª edição

Salvador

Edição dos Autores

2024

Capa e fotografia: José Railson da Silva Costa

Projeto Gráfico e capa: José Railson da Silva Costa

Revisão: José Railson da Silva Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sobre : viver [livro eletrônico] / org.
José Railson Silva Costa. -- 1. ed. --
Salvador, BA : Ed. dos Autores, 2024.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-00-00235-5

1. Crônicas brasileiras - Coletâneas
I. Costa, José Railson Silva.

24-193063 CDD-B869.308

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Antologia : Literatura brasileira
B869.308

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Sumário

Prefácio

SOBRE O DESAFIO DA FOLHA EM BRANCO

Adriana Santos Batista[1]

> Saramago dizia que somos responsáveis pela forma como estamos no mundo. Tinha um autocontrole capaz de produzir apenas o necessário, apenas o que poderia ser absorvido, mesmo sabendo que seu tempo era curto. Era como a terra que se tem que lavrar: há de se preparar a terra, plantar, regar, cada etapa tem sua hora. Não é possível fazer o processo inteiro de uma vez. Escrever duas páginas por dia é a sua maneira de se posicionar em relação a isso. Para ele, escrever era um trabalho como outro qualquer, não um trabalho que depende de uma inspiração divina, mas que se faz diariamente, até que o livro esteja pronto. (Trecho disponível na exposição *Saramago – os pontos e a* vista, Farol Santander – Porto Alegre, 2019. *Entrevista ao Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 2008)

Um dos principais desafios para o trabalho com escrita, em diferentes níveis de ensino, diz respeito ao mito de que ela ocorre quase como um ato de inspiração divina. Como se o escritor, tomado por um ímpeto, fosse capaz de materializar no papel a expressão máxima de sua criatividade. Tal representação, reforçada por diferentes âmbitos da sociedade, inclusive pela mídia, intensifica a procrastinação do ato de escrever e intimida aqueles que não o fazem de maneira constante. Ao se acreditar que a escrita pode advir de uma iluminação, afasta-se a concepção de que ela consiste em um trabalho que exige constância e preparação.

Sem a pretensão de que estudantes de graduação se tornem escritores profissionais (não negando, contudo, essa possibilidade), mostrar aos alunos que, mesmo aqueles que têm a escrita como ofício o fazem como trabalho que exige disciplina, pode ser uma estratégia para conduzi-los vencer o desafio da folha em branco e iniciar suas próprias composições. Trata-se, portanto, de um desafio duplo: propiciar o aprimoramento da escrita e trabalhar com características expressivas próprias da literatura com pessoas que não o fazem constantemente.

---

[1] Professora da Universidade Federal da Bahia, doutora em Letras: Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. E-mail: drisb11@yahoo.com.br.

Em se tratando de trabalho com crônicas, em que o estilo dos autores pode conduzir à percepção de que predomina uma escrita despojada e passível de ser alcançada, uma das estratégias utilizadas durante as aulas foi a apresentação e discussão de crônicas com temas próximos às suas vivências. A leitura dos textos reunidos neste volume indica que esse foi um recurso amplamente utilizado; os estudantes buscaram estabelecer reflexões sobre situações cotidianas que nos cercam, sendo possível observar três grandes temáticas: violência contra as mulheres; relacionamentos; e possibilidades de subjetivação na contemporaneidade.

Em “A dor é passageira”, Viviane Cristo dá voz a uma enunciadora que reflete sobre uma situação de abuso frequentemente vivenciada por mulheres; também no campo da violência de gênero, Arielly Laranjeira constrói em sua narrativa, “Da escada para sacada”, um eu que acompanha situações de constantes agressões. Vale o alerta de que ambos os textos podem desencadear gatilhos emocionais nos leitores e, principalmente, nas leitoras. Não obstante, trata-se de textos que nos fazem mergulhar num universo que tem sido por muito tempo negligenciado.

No grupo de textos que abordam relacionamentos, sejam eles amorosos ou não, há “A toca da dríade”, de Thiago Vinícius, texto em primeira pessoa, cujas relações intertextuais desenvolvem-se paulatinamente, aborda, principalmente, os significados de abraços e perdas. Em “Está feliz, Bauman”, Brenda Tavares e Gabrielle Correia utilizam com muita propriedade as metáforas como recurso para discutir os relacionamentos amorosos na contemporaneidade; destaco o misto de sutileza e impacto causado pelo final do texto. “Ser com alguém”, de Monique Souza, também apresenta uma reflexão sobre as possibilidades de relacionamentos na atualidade. “Sabor desejo”, de Ingridy Maria, é um dos mais próximos do tom humorístico e o que mais se apropria da ambiguidade como recurso.

O último grupo de textos concentra aqueles que, embora não tenham uma unidade temática tão evidente, procuram explorar diferentes possibilidades de subjetivação na contemporaneidade. A profusão de ações, distrações e informações com que muitos lidam cotidianamente na internet é o centro de “Foco em crise”, de João Pedro Nascimento Sousa, que aborda esse panorama não somente no âmbito do conteúdo, mas também da forma. Pedro Patriarcha, autor de “*Lebensmüde*”**,** sintetiza por meio de um enunciador auto reflexivo as sensações de mal estar e vazio tão características da contemporaneidade**.** A composição de Adson Gomes, “Paz? Onde eu a encontro?”, passa-se num contexto geograficamente distante, o que não impede de

adentrarmos a este mundo e percebermos o quão diversos e próximos podemos ser. Em "Que os astros nos acudam", Raquel Paim apresenta uma enunciadora com grandes conhecimentos de astrologia e que reflete sobre a apropriação leiga do assunto. Outro texto que se vale da ambiguidade como recurso humorístico é "Súbito engano", de Ahyane Gomes, escrita que explora os limites das "primeiras" impressões que construímos sobre as pessoas.

Dada a natureza do projeto de escrita desenvolvido e os objetivos desta coletânea, a conclusão deste prefácio converte-se em um convite, não somente para a escrita, mas também para a leitura. Em um contexto histórico em que diferentes setores educacionais têm sido cobrados e questionados quanto à sua relevância, faz-se necessário dar a ver aquilo que se tem produzido, de modo que haja uma maior aproximação entre os diferentes níveis educacionais e a sociedade.

Referência

FAROL SANTANDER. *Exposição Saramago – os pontos e a vista*, – Porto Alegre, 2019.

Apresentação

José Railson da Silva Costa

Nos ensinam no decorrer das nossas vidas, especialmente na nossa passagem pela educação básica, que a leitura pode e deve ser um momento de prazer, que ela pode nos trazer informação, repertório cultural e nos tornar sujeitos pensantes cada vez mais críticos. A leitura também pode ser vista por alguns como um desafio, mas principalmente a escrita.

Entretanto, escrever pode ser para além da mobilização de procedimentos técnicos e encadeamento sintático com coerência e coesão, um espaço para dar sentido à vida, a narrativas da existência se tornando um lugar para encontrar a si e nos sentirmos vivos, como dizia Clarice Lispector.

Esse desafio, que pode ser encarado por todos aqueles que têm a língua como sua aliada, pode ainda se ancorar a outras formas de arte como um modo de existência. Viver pode ser sobre isso, propor desafios a si mesmo, se surpreender com as ideias, pessoas, momentos bons e ruins e ver tudo isso materializado através das letras. Por isso que este livro é *Sobre: viver*. Um título intimista, mas que dialoga com aquilo de mais simples que cada ser humano pode se deparar, que lhe atravessou de forma a resgatar tais memórias e sistematizá-las em forma de crônicas. Proposta que, inicialmente, foi uma avaliação para uma disciplina acadêmica, vindo mais tarde a se tornar esse projeto de divulgação da leitura, da escrita, da vida e de formas de lidar com tudo isso a partir de universos particulares.

O desafio em questão fez parte da disciplina *LETE45 – Leitura e produção de textos em língua portuguesa*, tornando-se no interior do componente, uma das avaliações necessárias para aprovação no final do semestre. Com isso, todos os estudantes que se dedicaram à produção desses textos foram convidados a publicá-los, a fim de compartilharem um pouco das suas histórias e com o propósito de incentivar novos movimentos de leitura e de escrita dentro e fora da academia científica.

Os estudantes que participaram são oriundos dos Bacharelados Interdisciplinares em Artes, Ciência e Tecnologia, Humanidades e Saúde da Universidade Federal da Bahia, tendo a oportunidade de discutir, revisar e reescrever seus textos com auxílio do professor da disciplina e de um tirocinante em suas

respectivas turmas. Esse momento foi muito proveitoso não só para os graduandos, pois a experiência pessoal obtida como tirocinante serviu para ver o processo árduo de quem escreve, valorizar esse trabalho, pôr em prática as teorias sobre texto e obter uma experiência de docência com estudantes de um curso superior.

Esperamos que esse projeto seja contemplado como material em outros cursos de leitura e produção de texto dentro e fora da Universidade Federal da Bahia, em escolas de educação básica, por amantes da leitura e por todos aqueles que buscam um momento para contemplar escritos feitos com tanto cuidado, carinho e entusiasmo por cada um dos estudantes que se sentiram confortáveis em publicar seus textos.

José Railson da Silva Costa: professor de Língua Inglesa/Língua Portuguesa da rede básica de educação do Estado da Bahia, Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia.

E-mail: railson-costa3@hotmail.com

A dor é passageira

Viviane Cristo

Era início de fevereiro, eu pegava todos os dias o mesmo transporte, no mesmo horário, no mesmo ponto. Um dia, entrei no ônibus, andei entre o aperto das pessoas e me instalei próximo à porta de saída. De repente, um senhor entrou no ônibus e se instalou próximo a mim. Ele me olhou incansavelmente por vários minutos, até que veio conversar comigo. Eu tentei ser a mais educada possível apesar do desconforto dele perguntando meu nome, idade, entre outras coisas pessoais. Mas qual o problema né? Era só um senhor conversador. Não, não era.

Esse episódio veio a se repetir todos os dias seguintes àquele, cada vez ele invadia mais o meu espaço. Porém, algo dentro de mim me falava que aquilo era um mal entendido, que ele, com certeza, era só um senhor pai de família que queria alguém para conversar durante aquele longo trajeto todos os dias. Cheguei a comentar sobre a situação com umas duas amigas que me viam sempre chegar angustiada, disse que apesar de me incomodar, não era nada demais (mas era).

Tudo ficou muito mais claro no dia em que entrei no ônibus e esse mesmo homem não se instalou ao meu lado, nem mesmo conversou comigo, ele simplesmente se posicionou atrás de mim. Eu pude sentir ele se pressionar contra mim, pude sentir a respiração dele ao pé do meu ouvido, pude sentir a ereção dele nas minhas pernas. Eu passei uma hora e meia em pé completamente imobilizada, em estado de choque, por fora parecia completamente normal, enquanto por dentro eu enfrentava uma espécie de conflito comigo mesma.

Antes que você pergunte “por que você não fez nada?” repense toda a problemática que esse questionamento carrega. O instinto do meu corpo em me convencer que nada daquilo estava acontecendo, para me proteger, falava mais alto. Eu cheguei a mudar minha forma de me vestir achando que poderia ser culpa minha. Eu não precisava mudar nada em mim porque eu não tenho absolutamente culpa alguma nessa situação inteira e hoje eu reconheço com mais clareza.

Depois de seis meses passando por isso, um dia foi diferente, ele não entrou e eu tive paz por um dia... E dois, três, até que me dei conta que ele não pegava mais aquele ônibus. Tudo parecia solucionado para mim, então enterrei ele no meu passado.

No fundo eu sabia que estava muito longe de ter sido solucionado, ele poderia estar fazendo alguma outra pessoa de vítima e eu sentia culpa por estar enfrentando isso tudo calada. Se eu o expusesse ou denunciasse teria sido diferente? Eu recalquei toda culpa e angústia, criei maturidade para entender e falar sobre a experiência horrível que vivi, voltei à minha rotina normal e a minha dor passou... Ou então, passou a ser passageira em outro ônibus.

Viviane Cristo

E-mail: vivianecristo@outlook.com

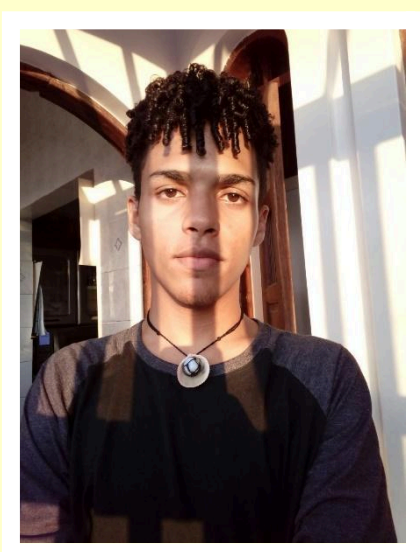
A toca da dríade

Thiago Vinícius Rebouças dos Santos

Ao retornar das férias para a Universidade voltei à rotina de correrias que é regra aos estudantes e, após um dia de aulas me veio à memória de uma situação ocorrida durante o meu terceiro ano do ensino médio, período no mínimo cansativo da minha vida; me dediquei como louco aos estudos junto aos meus amigos; saía às 05:30 da manhã para as aulas do Colégio e retornava para a minha casa, a qual é chamada de toca por mim e por minha mãe, às 18:30; em determinado dia após a ligação de um amigo que desejava o suicídio, de tentar forçar ao máximo conhecimentos na minha cabeça e de pegar um engarrafamento de pessoas numa passarela da cidade, cheguei à minha casa (a toca) a ponto de explodir, minha mãe, com sua onisciência digna de delfos, notou rapidamente a mudança e prontamente buscou o motivo de meu semblante, entrei numa tentativa inútil de desviar a conversa para não revelar os meus sentimentos a minha mãe (como eu poderia fazer isso, como eu poderia externar a minha tristeza e chorar em frente à minha mãe?). Eu não sou mais uma criança, (pensei comigo) mas a insistência de minha mãe é implacável e por conta disso me pus a chorar copiosamente; com toda a sua calma e ternura ela me aninhou em seu abraço, aquele abraço quente e cheio de amor foi o suficiente para afastar tudo de ruim que pairava pela minha cabeça, toda a tristeza, a possibilidade de perder o meu amigo e os pensamentos turbulentos a respeito do meu futuro, me senti em um lugar cheio de coisas boas.

No abraço de minha mãe me sentindo novamente como criança em meu berço, um lugar de proteção no topo do monte mais alto e seguro, o semblante de minha mãe se igualava ao de uma ninfa, iluminado pela luz da sala, tive até a impressão de ver uma aura dourada em torno dela e assim o choro cessou. Não precisei dizer nada, pois ela sempre sabe de tudo e sempre tem o melhor remédio para todas as coisas. Essa imagem agora paira em minha mente juntamente com uma música que se iguala aos sons mais celestiais e só essa lembrança já me traz um imenso conforto. Nesse momento, eu entendi a importância do choro como válvula de escape e que eu poderia chorar, (é saudável) naquele momento do abraço, quando tudo foi embora, me perguntei como seria se meu amigo também tivesse recebido esse abraço, se ele tivesse recebido um abraço desse todas as vezes que a escuridão chegou demasiado perto dele, como seria se

todos nós pudéssemos receber abraços indiscriminadamente sempre que as coisas da vida fossem feias demais; talvez essa seja a resposta, talvez a gente precise ser como um filhote, demonstrar a fragilidade de Jacinto em certos momentos, ter a piedade de Hypnos para com nós mesmos e pôr abaixo a constante égide de Belona que faz morada em nossos semblantes, talvez devêssemos chorar mais ao colo de nossas mães, abraçar mais os nossos queridos e entender que da última vez que sentimentos foram reprimidos Hefesto fez o Vesúvio explodir.

Ao mesmo tempo que tinha essa epifania de cara inchada, um desespero me invadiu, eu nunca tinha dado esse abraço no meu amigo, uma pessoa que conheço desde sempre, desde que o meu mundo é mundo, o meu irmão de alma que já passou por tantos perrengues comigo. Eu tinha que chegar ao meu amigo e dar-lhe esse abraço, eu tinha que fazê-lo entender que poderia se abrir comigo sem ser num momento de desespero; e assim o fiz, no mesmo dia corri até sua casa, bati na porta até que ele aparecesse e assim que o vi dei-lhe o abraço mais sincero de nossa amizade, me lembrando agora dessa minha história o choro vem mais uma vez. Faz mais ou menos um ano que não o vejo , me emociono ainda durante a construção desse delírio de uma mente saudosista mas não pela tristeza, e sim pela singularidade desse momento que nunca mais voltará, ele só existe na minha cabeça.

Thiago Vinícius Rebouças dos Santos

Lattes: https://lattes.cnpq.br/9306553723342727

E-mail: thi-geu@hotmail.com

Da escada para sacada

Arielly Laranjeira

Olho ansiosa o horário, “preenche logo essa lista professora”, penso quando já não aguentava mais assuntos daquela aula. Às 14:40 o Arielly é chamado, pela porta da sala saio já retirando o celular da bolsa, chamada perdida de minha mãe e a mensagem resumida na tela inicial. Com o celular em mãos interrompo para atravessar a rua em frente ao prédio, avistando meu desafio diário, a escadaria da Politécnica e os seus cento e tantos degraus a serem subidos para a aula posterior.

Na mensagem, minha mãe. Estranhei ainda mais a ligação, pois sabia que estaria trabalhando naquele momento no Hospital São Vicente, 6° andar. Ela atendeu Ana, queixando-se de vômitos. Para o namorado não soube ter modos e comeu demais, para mim, já sabia que seria crise nervosa, acontecia como reflexo desde a 8°série. No último *stories* dele, estavam na festa de 20 anos da prima dela e, pelo que conheço, com certeza foi o ciúmes dele a causa da crise, com certeza, por ela não poder ir ao banheiro sozinha. O olhar feio que recebeu depois que ela olhou para o lado, a “culpa” por ter deixando-o triste e sozinho, quando saiu por 5 minutos para tirar fotos com a família.

Tropeço na escada enquanto concentrada lia a mensagem, escuto risos, a atenção ainda no celular escuto “olha para frente, saia desse mundo”, era Eloá, colega de sala de alguns semestres atrás.

> “Burra” e “criança”, escreveu minha mãe em choque sobre quais foram as palavras que o namorado disse quando Ana não sabia dizer se era alérgica a algum remédio, “Vai querer incomodar sua mãe para dizer isso também? Você não cresce nunca mesmo.”, também fez questão de comparar com a ex que fazia muito diferente e melhor que ela, autonomia, dizia ele. “Quero sim, isso não é brincadeira, me dê o celular”, ele negou assim que minha mãe saiu da sala.

“Estava acanhada”, disse minha mãe quando voltou, após ver Ana com o casaco meio torto e o namorado rindo, anunciando que ela lembrou não ter nenhuma alergia, enquanto Ana olhava fixa ao chão. Chega a medicação e o namorado sai.

Ao tirar o casaco, notaram braços vermelhos, pele arranhada, olhos cheios d'água, vergonha no rosto, próximo aos pulsos, cicatrizes recentes, mutilação, "Ana você tem gato?", ela chora, sobe aos cotovelos, os roxos, ele bateu, ela não percebeu. Ele chega na sala, ela paralisa.

Tatiane me cumprimenta, o nosso consolo em plena falta de ar do final da escada, sempre sentada ali olhando todos que sobem, "melhor ter pego o buzufba", diz ela após não conseguir nem dar à boa tarde de sempre, mal sabia que não era o cansaço que me atordoava.

> Ana treme, o silêncio cobriu a sala, ele a conhece e se aproxima para um abraço, "não fique com medo da agulha", disse ele enquanto ela se afastava, ele era problema. A crise intensificada. Ao sair, já havia avisado sobre não falar e nem mostrar nada a ninguém. O abraço? Lembrar da arma que tinha na cintura.

Chegando no topo da escada, Tatiane me espera indignada por aquela minha decisão de ter subido, ela também já esteve, mas em outra, a escada dos abusos, esses que começam aparentemente inofensivos, iguais aos primeiros degraus de uma escada, do psicológico, moral, na sequência do verbal e físico. No final da escada nunca se sabe o que irá acontecer. Com Tatiane, perdeu o ar também, mas por estrangulamento e depois foi jogada da sacada, já Ana preferiu se jogar.

Arielly Laranjeira: mulher-mãe e estudante, aos 21 anos trabalhando como formiga na desconstrução da estrutura colonial, principalmente pelo reconhecimento do meu inconsciente como racista e machista.

E-mail: ariellylaranjeira5@gmail.com

Está feliz, Bauman?

Brenda Tavares
Gabrielle Correia

“Te dei o Sol, te dei o mar pra ganhar seu coração...” tocava a música do Luan Santana num bar no Rio Vermelho, enquanto estávamos sentadas pedindo uma cerveja bem gelada, para finalmente sextar. O problema foi que ela veio empedrada, então passamos a refletir sobre o estado para passar o tempo. Geralmente o estado sólido tem uma ligação bem forte, que você pensa que nada pode chegar ao ponto de adentrar e estragar todo esse elo e chega a imaginar que como algo sólido nos passa segurança de não ser perdido facilmente e espalhado em comparação ao líquido. O maior problema não é nem ele se tornar líquido, já que assim seria mais fácil de espalhar-se em nosso corpo, pois a cerveja continuaria ali e você vai tentando equilibrar como pode. Mas e se o álcool da cerveja evaporasse enquanto a gente estivesse esperando torna-se líquida? Provavelmente não iríamos notar quando esse momento poderia ocorrer e iríamos perder nossa cerveja de repente em nossos olhos sem ao menos tomar um gole que fosse realmente saboroso.

Finalmente, quando a nossa cerveja passou para o estado líquido, começamos a tomá-la e notamos que o álcool iniciou o seu efeito em nossos corpos quando começamos a refletir sobre a música que estava tocando com todas as promessas de ser presenteada com o Sol e o mar. Essas promessas fazem você se sentir todos os dias como se estivesse recebendo a brisa do mar, que te faz enxergar em tudo a beleza que vimos num pôr do Sol, aquela sensação boa de quando estamos em contato com o mar, aquela calma e paz em que nos dá a sensação de estar no paraíso, num universo paralelo…

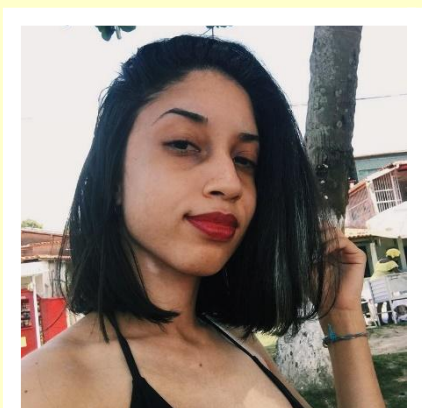
Nesse universo paralelo e idealizado, iríamos nos eternizar na praia logo quando iniciasse o verão, com a presença de tudo que contribui para a sensação boa sentida e essas presenças teriam cor azul turquesa. Iria ser tudo perfeito, iria… Quando estava no auge do paraíso tive um sinal de que ele poderia ser algo sólido. Nesse paraíso havia promessas de ser presenteada com o mar, o rio, o oceano… e até mesmo as estrelas!

Ah, como era boa a sensação de ser prometida a imensidão e profundidade de um oceano. Algo que aparentemente parecia ser tão intenso quanto uma onda do mar

que se você cogitasse duvidar seria esquisito. Mas bem que minha vozinha me falou "quando a esmola é demais, o santo desconfia", mas olhe, nem o santo iria desconfiar.

Mas aconteceu. O que não parecia que iria ter um fim, teve. Foi desesperador, meu mundo desabou, as promessas foram para o ralo, como se o mar fosse uma piscina que tivesse que retirar toda sua água. O fim? Fui trocada por cigarro numa tarde de domingo chuvosa, sem sorvete, sem o jogo do Bahia. Fui trocada por um cigarro, não entendi muito bem o porquê. Fui trocada por um cigarro.

Minha amiga riu. Eu chorei de novo. Nos perguntamos o porquê de como existe tanta facilidade em alguém ser superficial e de alguém se enganar com uma pessoa que diz amar. E aquelas pessoas que dizem gostar de você, mas na primeira oportunidade beija umas cinco pessoas em sua frente sem respeitar o que vocês tinham? E aquelas que dizem estar perdidamente apaixonadas por você, mas aparece do nada com outra pessoa?

Por isso que agora, preferimos apenas água e cerveja como líquidos presente em nossas vidas. Porém, ainda nos questionamos o que tem na mente dessas pessoas para serem tão supérfluas assim. Caracterizamos elas como coração de mãe Joana, sempre cabe mais um. O incrível é que nenhuma dessas relações duram tanto, é tudo muito líquido. Deve ser por isso que nos prometem o mar, o rio, o oceano...

Brenda Tavares, 21 anos, sagitariana e de Salvador. Estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Completamente apaixonada pelo romantismo, apesar da derrota amorosa que foi a inspiração para a crônica. Sim, fui trocada por cigarro.

Gabrielle Correia, 18 anos, ariana e de Jaguaquara. Também estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Apaixonada por comédia romântica, mas, com a vida amorosa desastrosa digna apenas da parte da comédia (e drama).

E-mail: gabirelleacorreia@gmail.com

Foco em crise

João Pedro Nascimento Sousa

Meia noite e o objetivo na madrugada era simples, terminar um trabalho da faculdade e talvez colocar alguma série em dia. O Google Drive estava aberto, já havia escolhido a série (Glee). Tudo certo, mas por alguma razão que não sei explicar, decidi dar uma olhada rápida no Instagram, foi meu grande erro. Mas eram só 03 abas, tinha certeza que podia voltar ao foco antes das uma.

Coloquei Roteiro para Aïnouz do Don L pra tocar no Youtube enquanto acompanhava o feed, algumas coisas me chamaram atenção e cada uma delas ganhou uma aba própria. A primeira foi uma arte de Mahmud Asrar, artista que gosto bastante. Joguei seu nome no Google para dar uma olhada nos trabalhos mais recentes. Em seguida, vi a foto da Basílica de Santa Sofia, sua arquitetura despertou meu interesse e fui na Wikipédia descobrir mais sobre sua história. Não li mais que três linhas referentes às pesquisas. Por fim, vi um stories de uma colega, a música que tocava prendeu minha atenção e imediatamente joguei o nome do cantor no Youtube, deixei o álbum do Black Alien tocando (sem fechar Don L, queria guardar pra mais tarde). Segui entretido com as aleatoriedades e a diversidade de conteúdo do Instagram, dei sorte de ver um evento na faculdade relacionado ao impactos das culturas oriundas do Oriente Médio na música ocidental (preciso de horas complementares), e deixei o site de inscrição aberto para quando tivesse saco de preencher os dados. Já tinha passado das uma, pensei que poderia arredondar para as duas e estava muito afim de jogar Campo Minado.

Sim, sou viciado no jogo e estava lá, jogando, enquanto ouvia o álbum mais recente do Black, Hello Hell. Uma linha em especial me deixou intrigado.

“Falando assim, assim falou Zaratustra”

Sempre ouvi falar sobre esse livro do Nietzsche, mas nunca corri atrás, parecia o tédio perfeito pra isso. Lendo sobre, fui pescado pela ideia do Zoroastrismo, que me levou a ler sobre os Curdos, que por sua vez me levou às guerras no Oriente Médio. 11 abas abertas e 0 linhas escritas. Tinha que voltar ao trabalho.

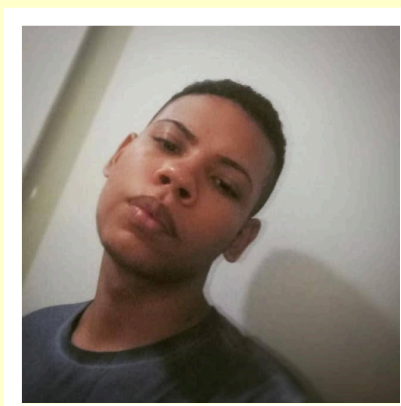
Eu deveria escrever um conto, o documento estava aberto no Google Drive, o tema era livre, em teoria uma tarefa simples. Passei meia hora pensando no que fazer, enquanto conversava no Whatsapp, escutava Zayn e continuava a leitura em relação aos

povos orientais. Tive um insight quando um amigo comentou da atual situação política do país ao passo que li sobre ataques de xenofobia contra mesquitas.

Larguei o celular e comecei a digitar no documento do Drive. Meu conto falava a respeito da crescente onda da alt-right mundo afora e a respeito da diáspora, dos processos de construção e desconstrução de nacionalidades. Tinha infinitas ideias explodindo na minha cabeça e dando forma ao conto. Parei na 5ª linha, agora com 17 abas.

O sentimento era de frustração, coloquei uma playlist de Lofi Hip Hop e deitei a cabeça na escrivaninha. Pensei em dormir, podia fazer o trabalho no intervalo entre as aulas na faculdade, mas levantei da cadeira, bebi um copo d'água e fui no Youtube. Pensei em Stuart Hall, queria relembrar conceitos de nacionalidade e quem sabe ficar inspirado e terminar o conto. Porém, fui pescado pelo trailer de Yesterday e então vi incontáveis outros, de séries e filmes. Fui atrás das datas de alguns, sinopses e atores envolvidos. 27 abas abertas e as benditas 5 linhas permaneciam lá.

Após os trailers migrei para um artigo da BBC News, referente ao Oriente Médio, parecia perfeito pra mim, o problema foi ter pulado direto para uma entrevista com Karim Aïnouz. Que me lembrou o clipe de Do the Evolution de Pearl Jam. Que me levou a um artigo sobre evolução e outro sobre o aquecimento global. Sempre pensando "jaja eu volto ao principal", procrastinar é uma das grandes falhas humanas. Não concluí nenhum dos pequenos projetos, 36 abas abertas e ainda nas 5 linhas (esqueci de dizer que uma delas é o título).

Agora são seis da manhã, o último som da noite (e o primeiro do dia, eu acho) é Where Is My Mind, da banda Pixies. Me pego pensando nas crises no Oriente Médio e na minha cabeça, acho melhor ir dormir.

"**João Pedro Nascimento Sousa:** Curso o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Fã de tudo de quase tudo que existe, do expressionismo alemão ao brega funk. Especialmente de cinema e de terror, com planos de fazer mestrado em antropologia e não me tornar coach."

E-mail: joaonasouza@gmail.com

LEBENSMÜDE*

Pedro Patriarcha

Quatro horas e trinta minutos. Um silêncio ensurdecedor. Estou muito cansado, no entanto não consigo dormir. Tenho uma entrevista de emprego amanhã. Eu deveria estar descansando, mas não consigo. Talvez seria melhor se eu tivesse estudado mais sobre as propostas da empresa, porém os textos eram muito longos e complicados. Não consigo. Deveria ter aprendido francês ou alemão para me destacar no currículo, entretanto estou muito esgotado para ir fazer um curso de línguas. Talvez eu devesse ir tirar a mancha da camisa branca que vou usar amanhã, contudo a máquina de lavar roupa quebrou... Putz, lavar à mão? Não, não, muito exaustivo, melhor seria comprar uma nova.

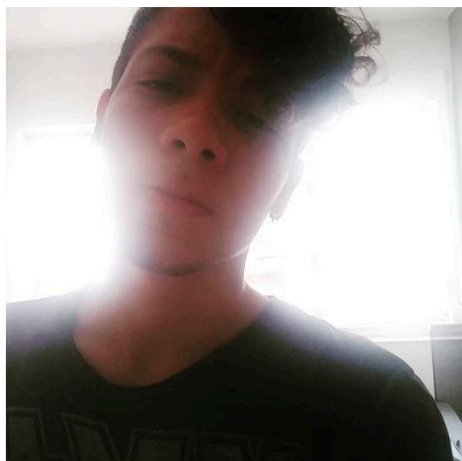
Lembrei daquela camiseta de marca que vi no shopping, até tinha o dinheiro para comprá-la, todavia estava tarde e eu, como sempre, muito extenuado para carregá-la até em casa. Sinto que não consigo alcançar as coisas que sempre desejei. Será que foi por falta de esforço? Não, claro que não! Sou muito esforçado, ora, olhe como eu estou exaurido! Devem ter sido minhas escolhas, é claro. Então será que as minhas escolhas foram mesmo as melhores?

Será que se eu voltasse ao passado talvez pudesse mudar as coisas e assim ter um futuro mais brilhante e menos cansativo? Se eu mudasse as minhas escolhas, quem eu seria? Será que no final iria querer mudar tudo novamente e novamente até finalmente me perder, me tornando um quadro de mil camadas, repintado mil vezes para atingir sua melhor versão? Hm, acho que mesmo que se fosse possível não iria rolar, estou esfalfado demais para fazer todas essas mudanças. Nossa, quase desmaiei só de pensar no esforço. Então se minhas escolhas foram as melhores possíveis, logo, tudo é culpa dessa sociedade meritocrática que não valoriza nossos esforços! A Culpa é dos ricos, dos empresários, que não percebem o quanto eu dou duro. E meu cansaço está aí pra provar. Mas espera um pouco, o que eu faço para ficar tão consumido assim? Bom, só sei que isso me faz sofrer muito.

Minha coluna está me matando, que dor, que aflição! Será que deveria acabar com tudo de uma vez? Com toda essa dor? Sou insignificante no universo e sei do meu destino. Enterrado em algum cemitério. Sendo assim, será que vale a pena mesmo passar por todas as dificuldades da vida? Sendo insignificante assim? Se bem que Shelly

Clark, professor de filosofia de Yale, defende que a vida é uma onda senoidal, que atinge momentos bons e ruins conforme o tempo passa, e que nunca poderíamos avaliar efetivamente quando a vida seria um fardo. Porém, David Hume faz quase uma defesa moral do suicídio, em "Da Imortalidade da Alma", quando separa o caráter criminoso deste ato e põe em evidência que a existência traz consigo a dor. Que agonia pensar sobre isso, a nossa dor está presente, na maioria das vezes, no imaginário, como dizia Séneca.

Preocupações com o futuro, cenários fictícios, divagações caóticas. Existência é dor?! A habilidade que torna o ser humano único também é sua ruína? Pois bem, cansei de pensar sobre isso. Bom, em virtude dos fatos mencionados (lembrando o ENEM) será que valeria a pena acabar com o meu sofrimento de uma vez por todas? Não... Não vale a pena, estou combalido demais para isso.

Escuto o alarme tocar, sete horas e quarenta minutos... Abro a janela, o sol chega sem bater, e invade meu rosto. Faltam vinte minutos para a entrevista, talvez se eu correr devo conseguir chegar a tempo. Pensando bem... Não vai dar, afinal, sou uma pessoa muito esforçada, e estou cansado demais para isso.

Pedro Patriarcha: Aluno do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da UFBA, amante dos acordes menores e da chuva. Caminhando nas ruas tacanhas da vida vou pensando sobre o pensar e manifesto o pensamento em arte. Seguindo neste caminho com passos semelhantes a golpes de pincel.

E-mail: patriarcha8000@gmail.com

***Nota do autor:**

Lebensmüde. Termo alemão. O Niilismo e a exaustão encontram-se amalgamados nessa palavra. Seria essa explicação (vaga) suficiente para os "esforçados" e "exaustos"?

Paz? Onde eu a encontro?

Adson Gomes

Eram 4 horas da manhã e iniciava-se mais um dia atípico para aquele povo tão miserável, que acordava sobre um chão cheio de pedras e que tinha através do sol o seu único referencial do tempo, sem saída, estavam a mais de 2 semanas em uma fila que parecia interminável. Porém, naquele dia, sentia-se um clima de esperança no qual nunca tinha se presenciado antes, muitos que estavam nos primeiros lugares desta enorme fileira acordaram com um sentimento de liberdade, sabiam que faltava pouco para que eles e suas famílias saíssem daquele local onde a guerra juntamente com a desumanidade reinavam.

Por volta das 13 horas, quando o sol já havia se centralizado no céu, todos já tinham voltado para seu estágio frenético de descrença, então apontou-se naquele mar azul turquesa seis pontos pretos, que pareciam ser os botes que levariam boa parte daqueles desabrigados embora. Mesmo sabendo que a maioria deles não iria conseguir sair nesta frota, todos estavam em festa, pois acreditavam que seu momento de partida daquela terra, que há pouco tempo atrás era um local de alegria, estava perto. Até as pessoas que não constituíam a fila se alegraram com aquela bonita imagem da aproximação dos botes, era sem dúvida um momento para nunca ser esquecido.

Após cumprir todos os ritos, estava na hora do regresso. Eu fiquei durante todo o dia presenciando este acontecimento, estava ali para uma viagem de negócios, porém não consegui ir a nenhuma reunião durante esta faixa de tempo, não me movi daquele local porque eu nunca tinha visto algo parecido com aquilo pessoalmente, era um momento difícil de ser processado. Só tive força para sair daquele lugar quando o bote também estava se retirando, isso só foi acontecer às 17h12. Já em minha casa, fiquei alguns dias sem dormir só pensando neste fato. Enfim, quando eu ligo a tv pela primeira vez depois deste ocorrido, vejo uma notícia que me abalou ainda mais, com a manchete: “BOTE COM CENTENAS DE REFUGIADOS VIRA PERTO DA COSTA NO SUL DA EUROPA”. Um jornal italiano replicava essa notícia, novamente fiquei paralisado, e sem saber o que fazer, continuei acompanhando os desdobramentos deste acontecimento e, após duas horas de cobertura, um repórter diz que foi achado diante de todos os estavam a bordo, apenas uma criança com vida, respirei fundo, estava disposto a adotá-la.

Que os astros nos acudam

Raquel Paim

“Fui grossa com a Carla, mas não foi querendo, meu sol em áries me deixa assim.”

Por que quem é de Peixes é um tanto desligado, enquanto os de Gêmeos são falantes e comunicativos. Percebe como é ampla a entrega de características que a astrologia faz para cada signo? Nos jogam um punhado cheio delas que são associadas com cada signo, no entanto, como seres humanos que mudam a todo momento, vamos acabar passando por boa parte, e nesse jogo aposto minhas crenças de que se quase todo mundo parar pra olhar o seu mapa astral vai acabar se identificando com alguma parte.

Não que a astrologia seja estática com característica x pra y, mas percebo uma tendência de nós, leigos, a cair nos estigmas e moldar nosso comportamento a partir disso, até por ser mais fácil na hora da aceitação de colocar a culpa nos nossos erros em algo que escapa de nossa capacidade de interferência. Até para se agarrar toda manhã em um horóscopo, que diz que o dia vai ser incrivelmente produtivo e um novo amor vai bater à nossa porta.

Toda vez que meu amigo fala que tem escorpião três vezes no mapa astral, na lua, no ascendente, e no sol, olham espantados para ele como se o diabo aparecesse na frente, pois as características que todo mundo sabe, já que nos entregam assim. Sobre escorpião, é de que eles têm uma memória de elefante para guardar rancor e são super vingativos e controladores. Os preconceitos moldam meu amigo dessa forma, mas ele tem muito mais características sobressalentes, e no fim nem é tão controlador assim.

Eu mesma assumo o crime e me incluo na parcela de pessoas que leem sobre e sabe boa parte do mapa astral de cor e salteado. Já fiz o de todos os meus amigos nesses sites por aí e, depois de tanto falar sobre o outro com uma propriedade de quem observou aquela pessoa a vida inteira, balançava a cabeça em afirmação e sempre dizia: “tá vendo como faz sentido, você tem que melhorar nisso e naquilo”

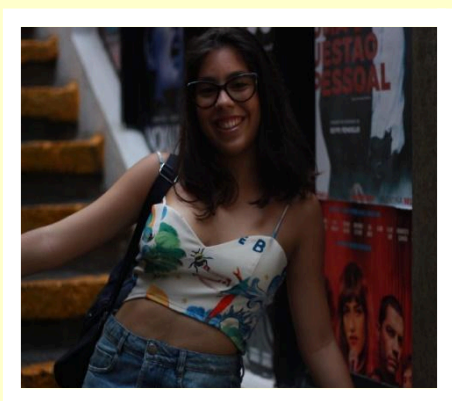
Pesquiso tanto que até na rotina já incorporei: aos domingos abro meu Twitter e vou para a página de um tarólogo ver como vai ser minha semana. Se esqueço no domingo não deixo de ver na segunda e é muito confortável ter spoilers do que vai acontecer, parece que a ansiedade que domina tudo fica um pouco de lado e me sinto muito mais preparada para enfrentar as coisas, pois sei que na semana que vem, no dia seguinte, outro spoiler vai sair e nenhuma surpresa será muito grande.

E assim, ela vai chegando de fininho e se incorporando no meu, no nosso dia a dia ao ponto de os tais mapas astrais serem abraçados como parte da personalidade, tendo por aí gente exibindo tatuagens com o signo solar orgulhosamente por todo lado, chegando ao ponto de até na hora de conhecer uma pessoa nova uma das primeiras perguntas que se faz é “qual o seu signo?” para moldar uma ideia de comportamento e pensamento.

É uma forma de se antecipar ao ponto de os dados do nascimento da pessoa já moldam uma ideia de como ela vai ser e se comportar, e até pensar, como se eu tivesse passado toda a minha vida com ela sobre imensa observação. De novo se torna uma forma de amenizar as surpresas, e a ansiedade dos millennials é consumida aos poucos.

E nessa armadilha de checar todo dia sobre como está andando minha vida de acordo com o posicionamento dos astros, me peguei justificando comportamentos que não mudava pela convenção de já os achar prontos na minha personalidade, e nessa síndrome da Gabriela de “eu nasci assim, vou ser sempre assim” percebi minha estagnação e aceitação.

Além disso, não é como se a partir desse momento eu tenha parado de pesquisar sobre astrologia e passasse a abominar tais crenças, muito pelo contrário. Comecei a ver pelo lado positivo de que se algo tem a oportunidade de fazer as pessoas se enxergarem melhor, temos que abraçá-la com toda a força.

Perdão pelos meus devaneios, é que minha Lua em Aquário me deixa suscetível a fazer essas reflexões sobre como levo a vida de vez em quando.

Raquel Paim: estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades que ama descobrir coisas novas sobre si, os outros e o mundo. Talvez a gente se encontre por aí enquanto tiro umas fotos.

E-mail: raechagas@gmail.com

Sabor desejo

Ingridy Maria

Passavam-se os dias, no caminho de volta para casa olhava para a estrada e me pegava pensando na minha vontade, sonhava constantemente, involuntariamente e surgia em algum assunto. Então resolvi ir atrás do meu objetivo.

No dia 25 de agosto, às 20:31h, estava ali sentada, na mesa de uma pizzaria, entediada e refletindo quando finalmente iria chegar. Eu já estava imaginando como seria o cheiro e o gosto. Pensava tanto nisso enquanto aguardava chegar que comecei a dar conta do quanto eu desejava sua chegada.

Passou um tempo e nada. Demorava tanto que parecia impossível. Transcorri até por um momento sem pensar no que desejava. Porém, eu não imaginava que o desejo ainda estava ali enraizado. Foi então que depois percebi que o desejo permanecia e que eu ansiava por ele. A mesa já tinha até sido posta e nada de chegar. Voltei a pensar e idealizar. Será que teria sabor doce? De brigadeiro ou creme de avelã com frutas? Ou será que seria salgado? Algo do tipo de quatro queijos ou marguerita. Quem sabe agridoce? Tipo Romeu e Julieta. Mas e o seu cheiro? Seria aquele que inala todo o lugar ou aquele que você tem que chegar perto para sentir? Particularmente eu prefiro chegar perto, talvez eu goste de ter posse dos meus desejos e deixá-los só para mim. Eu almejo muito sua chegada, não vejo a hora de ter aquele formato redondo para mim.

Levou mais uns minutos e finalmente a fonte de meu desejo chega à mesa e, por um momento, meus amigos saem do local e ficam ali apenas eu e a o que tanto almejava. A música estava alta, eu estava nervosa, uma tremedeira e quando eu menos esperava aconteceu. Tinha gosto doce, macio e prazeroso e talvez tivesse um sabor de frutas vermelhas, não sei explicar. Eu tive a sensação de ver um céu estrelado ao meu redor que não dava vontade de parar.

Saí dali feliz, tinha conquistado meu desejo, pois finalmente tinha acontecido o beijo.

Ingridy Maria, 22 anos, de Irará, mas que ama mais a capital que seu interior e é estudante de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Sortuda por ter encontrado uma pessoa por quem é apaixonada e que corresponde a este sentimento na mesma intensidade, esta que é o foco deste conto.

E-mail: ingridymaria18@gmail.com

Ser com alguém

Monique Souza

Em meio a tantas conversas no dia a dia, uma em especial saiu da zona do “oi, tudo bem com você?”. Fernanda me ligou em uma quinta-feira a fim de desabafar. Na conversa, ela dizia estar insegura com o que iria acontecer no seu atual relacionamento, já que, eles estavam ficando há um tempo, mas até então não havia sido pedida em namoro. Entre tanta ansiedade, ela me trouxe um questionamento.

“(...), mas será que vale realmente a pena entrar, estar em um relacionamento?” Ouvi essa pergunta há algum tempo e desde então reflito sobre isso, falo isso porque o que será que passou na cabeça da minha mãe quando se relacionou com o meu pai e logo depois terminaram? Eles tiveram uma filha, insistiram em um relacionamento, mas não deu certo, até que ponto esse relacionamento valeu a pena? Já meus avós se casaram “cedo”, tiveram uma família, estão assumindo o “na alegria, na tristeza, na saúde, na doença, até que a morte nos separe”, estão juntos até hoje. Mas qual garantia eles tiveram desde o primeiro “sim” para uma vida ao lado um do outro? Você deve se privar de muitos momentos, sentimentos por receio de valer a pena. Mas o que realmente seria valer a pena em um relacionamento? Ter algo contínuo? Namorar, noivar, casar? Se for, não existe certeza que vai valer a pena. Seria namorar por X quantidade de tempo? Existem muitos relacionamentos que valem muito a pena no começo, tempo também não é certeza. Valer a pena, talvez esteja diretamente ligado a um relacionamento sem frustrações e/ou decepções, será que um casal com quase 50 anos de casados nunca se decepcionou ou frustrou com o outro ou com o que o outro fez ou disse? Pode ser que relacionamentos só valham a pena quando vivem felizes para sempre. Contudo, as coisas na maioria dos casos não são assim.

Relacionamentos são como construções, como se fosse uma casa, cada experiência a dois é como se fosse um tijolo e o mais interessante? Por você estar se relacionando com uma pessoa diferente de você, essa casa continua em constante construção. E você realmente só vai saber se ela vale a pena ou não construindo, deixando tijolo cair, colocando no lugar, indo aos “trancos e barrancos”. Valer a pena não significa continuar juntos, você pode terminar com alguém que ame muito e não tem como julgar aquilo como desperdício de tempo, aprendemos a lidar com o outro, a nos melhorar como pessoa, a nos moldar a sermos melhores em muitos aspectos das

nossas vidas. É uma ideia não só de "foi bom enquanto durou", mas sim de estou melhor como pessoa, vivi bons e maus momentos, ri, chorei, fui mais feliz, tive muitas experiências que me fizeram amadurecer, valeu a pena.

Portanto, essa ideia de valer a pena talvez seja utópica, já que, em todos os sentidos, suas experiências irão te definir, sua subjetividade depende disso. Valer a pena não significa casar e ser feliz para sempre, valer a pena significa continuar bem consigo mesmo para poder dividir algo com outro alguém. Valer a pena não é depositar todos os créditos e esperanças no outro. Valer a pena é uma escolha diária. Valer a pena é passar por altos e baixos, mas mesmo assim estar feliz. Valer a pena é ter as melhores e piores experiências e ser capaz de decidir o que é bom para você ou não. Valer a pena é construir cada dia um pouco mais quem você é da melhor forma possível. Valer a pena é pensar no seu bem e no do outro. Valer a pena é ter empatia, um pelo outro. Valer a pena é ser com alguém.

Monique Souza

E-mail: moniqueso119@gmail.com

Súbito Engano

Ahyane Gomes

Quem mora em cidade grande e precisa sair de casa para fazer qualquer coisa que seja, nem sempre imagina o que pode acontecer. Às vezes saímos no sol e voltamos na chuva, às vezes o estimado para se fazer em meia hora, duram duas, e às vezes encontramos pessoas que marcam a nossa história.

Numa sexta-feira, quinto dia útil do mês, dia de tirar dinheiro no banco para pagar as contas, fui até a Caixa do shopping realizar o saque. Enquanto estava perdida em meus pensamentos sobre como faria o milagre da multiplicação do dinheiro, chegou um rapaz que ousava chamar a minha atenção. Ele era alto e tinha um corpo atlético coberto pela calça jeans e camisa polo preta. Fazia exatamente o meu estilo. Atraentemente sério e muito atencioso ao local, cheguei a sentir uma neura de policial em seus olhos, talvez fosse segurança, talvez um agente disfarçado a serviço de alguma operação.

Enquanto a grande fila ia diminuindo eu continuava a observá-lo, até que os nossos olhares se cruzaram despertando em mim um riso desconcertado pela sensação de mistério do seu olhar e conforme agora ele me observava senti como se eu tivesse sido a escolhida. Talvez ele fosse um agente de empresa de modelo, ou apenas estivesse se perguntando de qual zoológico eu havia saído. Não sei, eu só sei que ele me observava e eu estava gostando. Incrível como a nossa mente é capaz de imaginar tantas coisas a partir de olhares e alguns poucos gestos.

Chegou a minha vez de utilizar o caixa 24h, mas eu continuava pensando no que aquele rapaz havia visto em mim. Saquei o dinheiro e me despedi com o olhar de quem de fato, havia criado alguma expectativa. É necessário mesmo demonstrar às outras pessoas o que sentimos por elas, ou passaremos a vida com desejos reprimidos, afinal "Pra onde vão os nossos silêncios quando deixamos de dizer o que sentimos?".

Saí do shopping em direção à minha casa e quando menos esperava ele me acompanhou. Não acreditei quando ele começou a falar em como não conseguia parar de me olhar e se sentiu encorajado a vir atrás de mim. Como ele dizia estar com muita pressa, pediu que eu anotasse o seu número para manter contato.

Bastou que eu pegasse o meu celular para ele tomá-lo das minhas mãos e levá-lo embora. Perplexa, não tive reação alguma a não ser pensar em como somos

enganados pela nossa mente, em como existem inúmeras possibilidades para captar a atenção de alguém e principalmente como é importante saber diferenciar um crush, de um ladrão.

Ahyane Gomes, estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, perdida como qualquer jovem de 18 anos, descobrindo caminhos para fazer a vida valer a pena.